

Documentação

OCIOAMBIENTAL

Fonte: *Ogledno*

Data: *14/4/2000* Pg *7*

Class: *782*

Os jesuítas e os índios

JOSÉ GERALDO VIDIGAL
DE CARVALHO

Os filhos de Santo Inácio foram intrépidos defensores dos nativos. Fernandes Pigneiro é taxativo: "A ninguém é desconhecida a porfia da luta que travaram os jesuítas com os colonos do Brasil a propósito da escravidão dos índios."

O grande historiador João Ribeiro afirmou: "O jesuíta, porém, era inflexível. Não cedia. Não condescendia. Combatia todos os escândalos e maldades, as perseguições inúteis aos índios, as relações ilícitas e às vezes monstruosas que destruíam o respeito mútuo... Deste modo procuravam levantar os costumes e levantar a descendência desses homens que aqui lançavam os fundamentos de nova civilização."

Nóbrega, Anchieta, Vieira e tantos outros pugnaram ardorosamente contra a redução ao cativeiro dos aborígenes. Com a bula de Paulo III, de 1537, ficou clara a ilicitude do aprisionamento dos índios. Recorde-se um trecho deste documento: "Os ditos índios e todas as mais gentes, que daqui em diante vierem à notícia dos Cristãos, ainda que estejam fora da Fé de Cristo, não estão privados, nem devem sê-lo, de sua liberdade, nem do domínio de seus bens, e que não devem ser reduzidos a servidão." Como observa o Prof. Dr. Herbert Wetzel: "As determinações da bula, bem como as recomendações da Coroa eram sempre fielmente seguidas pelos jesuítas geralmente escudados pelo poder Executivo... Os jesuítas puseram-se decididamente a favor da liberdade dos índios, contra as aleivosias e injustiças dos colonizadores."

Entretanto, quando se faz uma análise objetiva dos eventos, perce-

be-se que, não obstante, os jesuítas tiveram índios a seu serviço. É aí que se deve notar a função deles, pois lhes eram entregues trabalhos necessários à trama da vida cotidiana, como sói acontecer em qualquer aglomerado humano. É o que se pode captar deste episódio: "O P. Luís da Grã, Superior da Missão, deixou ordem a Nóbrega, em São Vicente, "que não mercasse escravos nem ainda para trabalhar nas obras do Colégio que ele deixava mandado que se fizesse..." Mas "todos confessamos", diz Nóbrega, "não se pode viver sem alguns que busquem a lenha e água; e façam cada dia o pão que se come, e outros serviços que não é possível poder-se fazer pelos irmãos, máxime sendo tão poucos, que seria necessário deixar as confissões e todo o demais".

Os discípulos de Santo Inácio foram ferrenhos fautores dos direitos dos indígenas. Eis como Arlindo Rubert sintetiza esta face: "O papel moralizador dos inicianos contribuiu muito para moderar o tráfico e mover os cristãos a deixar o mau costume dos assaltos e cativeiros. Tanto maior era a justa indignação e o conseqüente desvelo quando as vítimas não eram apenas os índios pagãos, mas os próprios cristãos das Aldeias, destruindo o penoso trabalho de catequização".

Nóbrega tinha força com Tomé de Sousa. É o que se pode deduzir desta passagem, na qual ele se refere a queixas que os escravizadores haviam feito: "tomando-lhes suas terras e roças, em que sempre estiveram de posse e nunca fizeram por

donde as perdessem, antes na guerra passada estes ajudaram aos cristãos contra os seus próprios. A causa que tinham os cristãos por si, não era outra senão que as haviam mister. É porque nisto o Governador e eu estovamos esta tirania, contra ele e contra mim conceberam má vontade".

A 9 de agosto de 1549 o Pe. Nóbrega enviara ao Pe. Simão Rodrigues uma carta e desta é este excerto: "Escrevi a V. Revdm.^a acerca dos assaltos que se fazem nesta terra e da maravilha que se acha aqui escravo que não fosse tomado de assalto... Que maravilha seria a terra aqui, se

os cristãos não fossem causa de guerra e dissensão, tanto que nesta Bahia, que é tida por um gentio dos piores de todos, se levantou a guerra por cristãos... Desejo muito que S. Alteza encomendasse isto muito ao Governador, digo, que mandasse provisão para que entregasse todos os escravos salteados para os tornarmos à sua ter-

ra, e que por parte da justiça se saiba e se tire a limpo, pois disto depende tanto a paz e conversão deste gentio."

Nóbrega revela suas preocupações sociais, dizendo que havia necessidade da vinda de tecelões, da remessa de roupas e da imigração de famílias bem constituídas.

O padre Simão de Vasconcellos tem estas frases muito expressivas: "No meio desta paz e sossego de vida passavam os nossos, contentes em sua pobreza, vivendo do suor de seu rosto e trabalhando no bem daquelas almas, pelas quais deram de mão ao mundo pátria, parentes e tu-

do o que, tirado Deus, possuía: quando fora de todo o imaginado, se começou a armar o inferno contra esta pobre casa: e a causa foi aquela mesma, que hoje persevera, e perseverará, enquanto durar nos portugueses a imoderada cobiça de cativar os índios, e nos padres da companhia o zelo de sua liberdade: porque (como já tocamos acima) tinha trazido o padre Leonardo provisão do governador geral, em que mandava fossem restituídos os índios, que os portugueses haviam cativados, contra a justiça, ou em caminhos, ou em suas terras, ou d'outro qualquer modo, (em especial cristãos, que tinham doutrinado e batizado os religiosos de S. Francisco castelhanos) para que fossem todos postos em sua liberdade. Algum destes índios tirara o padre, logo ao princípio, das casas de alguns moradores, com sua suavidade e boas razões, tocantes ao bem de suas consciências: porém depois, andando o tempo, esfriado já em alguns deles aquele primeiro espírito com que os doutrinara, arrependidos e tornados contrários, começaram primeiro a murmurar dos padres e logo a perseguí-los, tirando-lhes as esmolas e dizendo deles as cousas que sua paixão lhes ditava: e eram elas tais, que andavam como envergonhados, e admirados, de que pudesse tanto o inimigo do bem dos homens, que descompu-tesse por esta via, o que Deus por outra via tinha obrado em tantos moradores."

Que a influência dos jesuítas muito valeu para a defesa dos índios, o provam também as leis régias que conseguiram proibindo a escravização dos mesmos.

JOSÉ GERALDO VIDIGAL DE CARVALHO,
cônego, é professor do Seminário de Mariana.

Nóbrega,
Anchieta, Vieira
pugnaram contra
o cativeiro dos
aborígenes